



## Texto que ficou em 2o lugar na Etapa Estadual do 47º Concurso Internacional de Cartas

16 de fevereiro de 1942

Prezado leitor!

Não sei quem estará lendo-me, não sei se será daqui a um mês ou daqui uma década, não sei também se a guerra já acabara, mas somente sei que caso continuem matando arbitrariamente pessoas, como nos tempos de hoje, a humanidade se extinguirá.

É inverno de 1942 e o frio é extremo, entretanto a frieza do homem supera qualquer temperatura. Isso mesmo, a guerra começou, e durante estes dois anos de conflitos intermináveis, todos os dias prevalece um mesmo cenário, aquele, cujo medo e o caos tomaram conta de todos, e a melancolia habita sobre os seus corpos. Ninguém sabe quando acontecera um novo bombardeio, porém, quando o ponteiro dos minutos avança e não ocorre nenhuma explosão, há suspiros de alívio, que são traduzidos como “Graças a Deus, ainda estou vivo(a)”.

Todos os dias ao anoitecer, nascem no céu múltiplas estrelas, as quais iluminam a escuridão de um planeta sombrio e isso acontece porque uma quantidade significativa de pessoas foram mortas e torturadas por conta de suas diferenças. Fico pensando o quão bom seria se as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade (lema da Revolução Francesa) fossem concretizadas, para que possamos viver em harmonia e atingir os ideais de sociedade utópica... Uma sociedade sem guerras, sem crueldade, com mais amor e menos ódio e a tão sonhada paz mundial ser alcançada... Ah, não seria bom? No entanto, estamos em um período de conflito, onde o rancor pela sua própria raça é predominante.

Novamente, não sei quem estará lendo-me, mas certamente deve estar se questionando: “o que exatamente sou eu”? A verdade é que sou um pedaço de papel amarelado, meio curvo e com feridas que nem o tempo consegue curar. Vivo em uma era de retrocessos, pois ao invés dos humanos estarem evoluindo para utilizar o bem e aplicar sua inteligência em algo inovador, usam combates armados para solucionar problemas e dificuldades, o que é funesto, transformando o mundo em um lugar tão maravilhoso e oportuno, em um lugar macabro e hostil.

Caro leitor, como toda carta possui um início e um fim, assim eu espero que seja com a guerra, e é por meio desta correspondência, que eu lhe peço, que a terra onde habitas seja um lugar ao qual bandeiras brancas foram hasteadas, representando a paz mundial; em que o amor fale mais alto que o ódio e a humildade com o seu próximo seja algo reconhecido; afinal, todos vocês estão vivendo diante de uma sociedade e necessitam conviver juntos, apesar de por vezes esquecer que pertencem a uma mesma espécie, a espécie humana. Entretanto, para que os fatos abordados anteriormente possam acontecer, é inevitável, leitor, sua cooperação, do contrário... Viverás como vivo hoje, cercado de morte, tristeza e desordem. Gostaria de habitar em um planeta com as mesmas condições que estou presenteando?

Agradeço cordialmente,

Carta de inverno.

**Autora: Amanda Oliboni Moschetta**

**9º ano** Ensino Fundamental 2

**Professora: Juliete Ilha Partichelli**

**Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Chapecó**